

A EMERGÊNCIA DO *ETHOS* DISCURSIVO NO GÊNERO MEMORIAL: ANÁLISE DAS AUTORREPRESENTAÇÕES DE LICENCIANDOS EM LETRAS - MODALIDADE PARFOR

THE EMERGENCY OF DISCURSIVE ETHOS IN THE MEMORIAL GENRE: ANALYSIS OF SELF-REPRESENTATIONS OF PORTUGUESE UNDERGRADUATE STUDENTS

Daniel Marra **1**
Leonilda da Silva Ribeiro **2**

Resumo: Evidencia-se, neste artigo, a emergência do *ethos* discursivo no gênero Memorial. A partir dos dispositivos analíticos fornecidos pela Análise do Discurso Francesa, identificaram-se os processos discursivos utilizados, a posição enunciativa dos sujeitos enunciadores e os itens lexicais através de seu aspecto valorativo. O corpus da pesquisa se constituiu das elaborações escritas de um grupo de estudantes de Letras, modalidade Parfor, cujas autorrepresentações forneceram a materialidade linguística para a investigação. O exercício analítico evidenciou, através de processos parafrásticos, a reiteração do sentido em torno das imagens que os sujeitos construíram de si e as divulgaram através dos discursos materializados nos memoriais. Da análise das famílias parafrásticas, observou-se a emergência de um *ethos* positivo, caracterizador dos sujeitos enunciadores, moldado por palavras que evocam determinação, comprometimento e superação.

Palavras-chave: Memorial. *Ethos*. Famílias parafrásticas. Letras/Parfor.

Abstract: This paper shows the emergence of the discursive *ethos* in the Memorial genre. From the analytical devices of French Discourse Analysis, we could observe the discursive processes, the position of the enunciative subjects and the lexical items through its evaluative aspects. The corpus of this research consisted of written Memorials of Letters/Portuguese undergraduate students, whose self-representations provided the linguistic material for the investigation. The analytical exercise showed us through the paraphrastic processes the reiteration of meaning through the images the subjects built about themselves in the discourses embodied in the memorials. We could observe, from the paraphrastic families' analysis, the emergence of a positive *ethos*, revealing of the subjects enunciators, shaped by words that evoke determination, commitment and resilience.

Keywords: Memorial. *Ethos*. Paraphrastic families. Letters/Languages/Parfor.

Doutor em Letras e Linguística (UFG-2012). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Goiás (2013-2014) e, atualmente, é Professor Visitante na Universidade de Sidney, Austrália (2018-2019). Professor EBTT do Instituto Federal do Tocantins, Câmpus - Palmas tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Historiografia e Filosofia da Linguagem. Lídera o Núcleo de Pesquisa em Linguagens e Artes - (IFTO) e coordena o projeto "O estudo da língua como um fato sociocultural e cognitivo", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT - Câmpus de Porto Nacional, onde atua como professor colaborador.
E-mail: danielmarra@ifto.edu.br **1**

Licenciada em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas – UFT. Professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins – SEDUC/TO. E-mail: leonilda.ribeiro@hotmail.com **2**

Introdução

Discute-se neste trabalho a emergência do *ethos* no gênero discursivo Memorial. Para tanto, toma-se como *corpus* os memoriais escritos por alunos do curso de Letras - Língua Portuguesa - do programa PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. Como embasamento desta reflexão, adotam-se os conceitos e métodos da Análise do Discurso Francesa (doravante ADF), que incluem as condições de produção em que os discursos concretizados nos memoriais dos sujeitos enunciadorees foram produzidos. Em sentido amplo, tais discursos se inscrevem num tempo/espaço pós-modernos; em sentido estrito, esses discursos foram condicionados pelo programa da disciplina Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literatura IV, ministrada no segundo semestre de 2013, no último período do Curso, quando foi solicitada aos estudantes a escrita de um Memorial. Dos dezenove memoriais observados, optou-se por uma análise mais verticalizada de seis deles. O critério de escolha utilizado levou em consideração o município de origem dos alunos, uma vez que sendo a turma pesquisada composta por vinte e três alunos, vindos de oito municípios tocaninenses, considerou-se que a opção por sujeitos provenientes de localidades diferentes agregaria mais elementos valorativos para uma amostragem mais direcionada da realidade de cada discurso. Ou seja, o processo de escolha utilizado teve o intuito de garantir que os sujeitos selecionados representassem a diversidade da turma, de modo legítimo.

O interesse pelo tema desta pesquisa emergiu durante as aulas de Análise do Discurso, mais precisamente durante uma atividade oral em que os estudantes foram convidados a relatar suas trajetórias de vida e de formação acadêmica, ocasião em que se pôde observar que as dificuldades encontradas no percurso de cada sujeito e as histórias de superação vivenciadas pelos membros do grupo eram bastante semelhantes, mesmo se tratando de sujeitos oriundos de diferentes localidades do estado. Mediante o observado, foi consolidada a ideia de se proceder à análise de como o *ethos* discursivo desses sujeitos emergiam mediante os discursos materializados na superfície linguística dos Memoriais.

Aos fatores que motivaram o interesse por essa temática, acrescenta-se o fato de que os sujeitos desta pesquisa são professores que, mesmo sem formação específica na área de atuação, exercem a docência na rede pública de ensino há algum tempo, mas que só agora estão tendo a oportunidade de se habilitarem adequadamente para o exercício da profissão, atendendo assim as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9.394/96.

Como se poderá observar, a memória discursiva desses(as) professores(as)/estudantes resgata e materializa em seus discursos suas histórias de vida e a de tantos outros colegas de profissão, que assim como eles lutaram, e continuam lutando, para melhorar a qualidade educacional e conseqüentemente de suas próprias vidas, visto que ambas se entrelaçam ao longo da jornada percorrida. Assim, uma análise discursiva dos relatos desses professores/estudantes será de grande importância para a compreensão de como se constituem os sentidos dos discursos, os *ethos* discursivos dos sujeitos e as representações ideológicas veiculadas em tais alocações. Por isso, o percurso desse estudo levará em consideração as condições de produção, em sentido amplo, inseridas em um tempo e espaço pós-modernos.

Stuart Hall (2005) fala das identidades do sujeito pós-moderno. Para ele,

o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado (...). A identidade surge (...) de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2005, p. 12-13).

Desse modo, para a concretização da proposta reflexiva, elegeu-se como objetivos, buscar o *ethos* discursivo dos sujeitos (estudantes do curso de Letras - Língua Portuguesa - PARFOR), materializado em seus discursos inscritos nos memoriais de formação. Para tanto, serão observados: (i) os processos discursivos utilizados, (ii) a posição enunciativa dos sujeitos enunciadorees; e (iii) os itens lexicais através de seu aspecto valorativo, através da mobilização de conceitos da ADF, marco teórico deste estudo.

As questões problematizadoras a serem respondidas no processo analítico em questão são: Que tipo de *ethos* emerge a partir da análise dos discursos observados? Quais processos de linguagem são mais recorrentes nas produções discursivas dos sujeitos enunciadorees? Quais representações ideológicas são veiculadas nesses discursos?

Tais conclusões serão evidenciadas a partir da análise cuidadosa dos memoriais que constitui o *corpus* desta pesquisa, uma vez que o enunciador deixa marcas de si em seus discursos e estas podem ser detectadas através dos dispositivos que a ADF dispõe ao analista. A esse respeito, Amossy (2005, p. 9) assinala que “todo ato de tomar a palavra implica na construção de uma imagem de si”.

O corpus

O *corpus* desta pesquisa é composto por dezenove memoriais de estudantes de Letras. O acesso destes à universidade deu-se no ano de 2010, através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, resultado de uma parceria firmada entre o Ministério da Educação e Instituições Públicas de Ensino Superior, cujo objetivo era propiciar formação a professores que atuavam na rede pública de ensino, embora não possuíssem habilitação adequada para tal função.

De forma a delimitar o objeto de estudo, elegeu-se seis dos memoriais para a continuidade ao processo de construção do *corpus*. O critério de escolha utilizado levou em consideração o município de origem dos sujeitos, para uma amostragem mais direcionada da realidade de cada um. Os nomes dos participantes foram omitidos para preservar a identidade civil destes, sendo utilizadas apenas as iniciais. O mesmo ocorreu com os nomes de outras pessoas, fatos, ou referências a localidades que, de alguma maneira, pudessem vincular tais discursos aos sujeitos. Desse modo, iniciou-se um trabalho de recortes dos discursos evidenciados, dirigindo a atenção para as temáticas relacionadas ao *ethos* dos sujeitos e às questões ideológicas vinculadas em tais discursos. Tais recortes evidenciaram uma série de famílias parafrásticas cujo alvo temático era o *ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo.

Para Orlandi (2007, p. 62), todo discurso possui um viés inesgotável de possibilidades de exploração, pois, segundo a autora, “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes”. Desse modo, embora o objeto analítico que interessa ao analista nos recortes selecionados esteja relacionado ao *ethos* e a questões ideológicas dos sujeitos pesquisados, é oportuno lembrar que as possibilidades de análise desse objeto vão além do que se propõe explorar no atual contexto.

É importante lembrar que a turma cujos textos constituem o *corpus* da pesquisa é composta em sua totalidade por professores que exercem a docência nas redes municipais e estadual de ensino do estado do Tocantins, o que torna o objeto desta pesquisa mais relevante. Parte destes está cursando sua primeira graduação, a outra parte é composta por professores que já cursaram uma primeira licenciatura, mas que não atuam na modalidade de ensino adequada à habilitação que possuem. Trata-se de um contexto de formação diferenciado, em que os sujeitos em questão já atuam profissionalmente e buscam aprimoramento acadêmico com o objetivo de melhorar sua prática pedagógica, pois lidam diariamente com a realidade educacional das escolas públicas do estado.

A partir desse pressuposto, o gênero discursivo Memorial se constitui num importante instrumento metodológico no âmbito desse processo formativo, pois dá ao aluno a oportunidade de reconstituir sua trajetória de vida pessoal e acadêmica, refletir sobre as experiências vivenciadas enquanto estudante e profissional. Tudo isso contribui para ajudá-lo na projeção de suas expectativas para o futuro e no compartilhamento de suas experiências a partir da visão que tem de si mesmo, pois ao rememorar as experiências de vida, o sujeito, mesmo que de modo involuntário, faz um exercício de reconstituição das conquistas e das decepções encontradas em seu percurso e revela o contexto histórico-social dessas vivências que, de algum modo, influenciaram positiva ou negativamente na construção de sua identidade psicossocial. Além disso, dá voz a tantos outros professores que vivenciam ou que já vivenciaram experiências semelhantes, mas que, por razões diversas, não tiveram a oportunidade de se fazerem ouvir.

O gênero discursivo memorial

O Memorial, no contexto do mundo acadêmico, é um gênero discursivo socialmente construído que geralmente é apresentado por alunos de graduação de várias universidades como um dos requisitos básicos para a obtenção do título pretendido. A escrita desse texto exige reflexão crítica e teórica sobre a trajetória estudantil e profissional dos estudantes em formação, bem como dos meandros que constituíram cada trajetória, que não se resume apenas ao processo formativo final, mas engloba também todas as etapas de formação pelas quais já tiveram passagem.

As discussões sobre gêneros do discurso têm início com as contribuições que Mikhail Bakhtin (1997 [1979]) faz sobre a linguagem. Para ele, qualquer utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos resultantes das esferas de atividades humanas. Nessa perspectiva, gênero do discurso são formas do dizer sócio-historicamente cristalizadas, oriundas de necessidades produzidas em diferentes esferas da comunicação humana.

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BAKHTIN, 1997, p. 284).

O termo memorial, do latim *memoriale*, faz referência a algo que traz à memória ou diz-se do registro de fatos memoráveis. Em sentido amplo, o memorial é a composição elaborada por alguém com o objetivo de recordar e descrever de modo afetivo os episódios inesquecíveis de sua vida a partir de sua própria percepção de si mesmo. Em sentido mais estrito do contexto de que este trabalho trata, Memorial enquanto gênero discursivo-acadêmico é um exercício de autorreflexão elaborado por concluintes de cursos de graduação acerca da trajetória acadêmica e dos conhecimentos agregados ao longo da experiência formativa, explicitando o papel que pessoas e acontecimentos exerceram sobre eles e os fatores históricos que de algum modo ressignificaram a identidade pessoal e profissional construída até o momento de sua elaboração.

Segundo Passeggi (2010, p. 1), desde os anos 1990, muitas instituições de ensino superior adotaram a escrita do memorial de formação como prática pedagógica e também como instrumento de avaliação com diversas finalidades, dentre as quais, a seleção de candidatos à pós-graduação. Quanto a sua estrutura organizacional, a autora diz que “pode optar-se, ou não, por uma ordem cronológica; organizá-lo em função de fatos relacionados a atividades de formação; explicitar contextos e relações interpessoais para pôr em foco a experiência e expectativas relacionadas à atuação docente” (*op. cit.*, p. 2).

É oportuno ressaltar que o que se analisa no memorial não é necessariamente a vida de quem o narra, mas sim a capacidade que essa pessoa possui para selecionar eventos significativos em meio a tantas experiências vivenciadas, uma vez que essas escolhas, de certa forma, revelarão o lugar que a educação ocupa em sua vida e também a imagem que ela construiu de si mesma ao final da etapa formativa em questão.

O memorial enquanto gênero discursivo acadêmico possui estilo e características composicionais próprias e pode ser dividido em pelo menos duas subdivisões distintas que são, respectivamente, o memorial acadêmico e o memorial de formação. O primeiro é comumente produzido por professores e pesquisadores universitários para fins de ingressos na carreira docente ou em cursos de pós-graduação. Já o segundo, conforme já dito anteriormente, é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões, comumente exigido em muitos cursos de graduação como um dos requisitos finais de aprovação em que o postulante ao papel de docente deverá demonstrar a habilidade de articular as experiências significativas por ele vivenciadas no decorrer do seu processo de formação universitária.

Ethos, Paráfrase, Relações de Sentido

De acordo com Orlandi (2007), a ADF, como seu próprio nome indica, não trata da língua, tampouco da gramática, embora ambas também lhe interessem. Ela tem o discurso como seu objeto de estudo, pois, por meio deste, pode-se observar o sujeito falando e isso ajuda o analista

a conhecer melhor aquilo que faz do sujeito um ser especial, com sua capacidade de significar e significar-se enquanto enunciador que está em constante movimentação por meio da fala. Segundo a autora, a raiz etimológica da palavra discurso traz em si a ideia de curso, de percurso, de correr para algo, movimento. Nessa perspectiva, o discurso é a palavra em movimento e a prática de linguagem.

Nesse sentido, qualquer prática discursiva é objeto de análise da ADF, já que, analisar discursos é observar as condições de produção que exercem coerção sobre os discursos e os tornam possíveis, é analisar as pistas que os sujeitos deixam em suas tentativas de revelarem as imagens que constroem de si em intervenções discursivas. A noção de *ethos*, artifício de retórica que permite ao locutor buscar o convencimento através do discurso, recobre um amplo território dentro do escopo da ADF na busca pela compreensão dos discursos e dos sujeitos do discurso.

Segundo Charaudeau (2008), a questão do *ethos* remonta de longa data, mais precisamente da Antiguidade. O termo foi empregado pelo filósofo grego Aristóteles, quando este propôs dividir os meios discursivos que influenciam o auditório em três categorias: o *logos*, que pertence ao domínio da razão e torna possível convencer o auditório; o *ethos* e o *pathos*, que pertencem ao domínio da emoção e torna possível o seu acontecimento.

Entretanto, enquanto o *pathos* é voltado para o auditório, o *ethos* é voltado para o orador. Na concepção do autor, é o *ethos* que permite ao orador parecer “digno de fé”, mostrar-se fidedigno, ao fazer prova de ponderação, de simplicidade sincera ou mesmo de amabilidade. Ou seja, para Aristóteles, “o orador deve mostrar (seus traços de personalidade) ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão” (*op. cit.*, p. 114).

Todavia, convém ressaltar que a concepção aristotélica, de que o *ethos* do sujeito é construído pelo auditório no momento do discurso, sofre a oposição de outros retóricos da Idade Clássica, como Isócrates e Cícero. Para eles, o *ethos* é um “dado preexistente ao discurso” (*op. cit.*, p. 114). Ou seja, na concepção de ambos, é mais fácil para o locutor demonstrar determinadas virtudes em um discurso quando ele de fato as possui.

Sobre o antagonismo existente entre o *ethos* pré-discursivo (*ethos* prévio) e o *ethos* discursivo, que remonta da Antiguidade, Charaudeau explica que no tratamento da questão é preciso considerar os dois aspectos, uma vez que “o sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos” (*op. cit.*, p. 115). Em outras palavras, o *ethos* de um sujeito nada mais é do que o resultado da união dessa dupla identidade, que acaba se fundindo em uma só, visto que, para construir a imagem daquele que fala, o interlocutor se baseia naquilo que já sabe a respeito do locutor e nas novas informações que emergirão no ato do discurso.

Amossy (2013), reelaborando a noção de *ethos*, defende que todo ato de tomar a palavra implica na construção de uma imagem de si. A imagem que o locutor passa de si mesmo para seu interlocutor por intermédio de seu discurso não se trata de um autorretrato, construído propositadamente com o intuito de convencer seu interlocutor sobre o tipo de pessoa que acredita ser, tampouco se trata de uma imagem pré-construída, anterior ao discurso.

A imagem de si, que a autora invoca nesse contexto, refere-se à imagem que o interlocutor capta do locutor no momento em que este profere um discurso oral ou escrito, seja em situações formais de comunicação ou até mesmo nas mais triviais interações verbais do cotidiano. A autora assinala ainda que

não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (AMOSSY, 2013, p. 9).

Essa consideração feita pela autora acerca do *ethos* do locutor é reforçada por Maingueneau (2011, p. 97), pois, segundo este, “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador”. Conclui-se, desse modo, que o *ethos* discursivo pode ser entendido como a imagem que um determinado locutor constrói de si mesmo, a partir daquilo que diz. Ao ser proferido, esse discurso ganha materialidade, e a partir dessa materialidade discursiva torna-se possível ao

interlocutor acessar as imagens de quem fala.

É importante lembrar que a imagem discursiva que um sujeito apresenta de si mesmo por intermédio do discurso não é construída de forma repentina. Isso não é possível porque todo discurso pronunciado é marcado por discursos anteriores, que vão ganhando novos sentidos cada vez que são afetados por diferentes memórias discursivas. A esse respeito, Fiorin (1997, p. 76) afirma que “as formações ideológicas presentes numa dada formação social determinam formações discursivas. Estas materializam aquelas. Estabelecem um conjunto de temas e de figuras com que o ‘indivíduo’ fala do mundo exterior e interior”. Ou seja, como afirma Pêcheux (1983 *apud* ORLANDI, 2007), a formação discursiva de um sujeito não é um espaço estrutural fechado, ela é constantemente invadida por elementos provenientes de outras formações discursivas construídas anteriormente, que vão sendo materializados e incorporados ao discurso atual.

Ainda sobre essa questão, Mussalim (2012, p. 139) acrescenta que uma formação discursiva “é constituída por um sistema de paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados”. Nesse sentido, Orlandi (2007, p. 36) diz que “a paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Ou seja, são diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado”. A autora assinala também que “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo” (*op. cit.*, p. 38). Desse modo, o discurso parafrástico é aquele que se constitui como legítimo e que define uma formação discursiva, que permite ao interlocutor acessar a que formação discursiva o locutor pertence.

No que se refere às relações de sentido, que emergem através das condições em que os discursos são produzidos, essa autora lembra que todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior que aponta para outro. Ou seja, “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para os dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo” (ORLANDI, 2007, p. 39).

Famílias parafrásticas

Após a análise dos seis memoriais que compõem o *corpus* desta pesquisa, escritos pelos sujeitos A.G.C., J.B.A.O., J.E.S, E.G.S., K.D.M. e A.C.M.B., foram selecionados os trinta e sete fragmentos mais frequentes, cuja temática é a emergência do *ethos* discursivo de tais sujeitos. Os fragmentos foram congregados em oito unidades de famílias parafrásticas, nomeadas relativamente às temáticas elencadas a seguir. O processo de análise do *corpus* será executado à luz do dispositivo analítico proposto por Orlandi (2007) e pretende desvendar as imagens captadas dos sujeitos através de seus discursos parafrásticos.

1ª Família Parafrástica – Origem familiar humilde

Alvo temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

I. Meus pais (...), ambos **de origem muito humilde, sobrevivendo de trabalhos braçais** com muita dificuldade (...)

II. Meu pai, sem condições de morar na cidade **continuou trabalhando nas fazendas da região** (...). **Só não beiramos a extrema pobreza** por causa da alta produtividade das terras de arroz e feijão.

III. **Sou de família humilde, meus pais eram lavradores** (...) **vivia apenas do trabalho braçal** (...)

IV. Devido minha mãe ter 05(cinco) filhos, sendo eu a primogênita destes, fez com que ela tivesse **dificuldades financeiras** de manter todas essas crianças (...)

V. Era impossível pensar que **uma menina de família pobre** pudesse chegar onde estou, (...)

VI. Sendo, portanto, **filha de família pobre** não tive muitas oportunidades educacionais.

2ª Família Parafrástica – Educação Básica: dificuldades de acesso

Alvo temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

Na época, os professores eram pagos para ensinar em casa. **As oportunidades em**

instituições educacionais eram mínimas. Praticamente não se falavam em escolas na localidade.

Meu pai resolveu trabalhar de zelador para ganhar as mensalidades minha e de meus irmãos (...). Na 3ª série primária assumi o lugar dele (...). **Estudei e trabalhei seis anos até concluir a 8ª série.**

(...) aos onze anos de idade **tive de sair de casa para trabalhar em casa de família para ganhar o sustento e o estudo básico.**

3ª Família Parafrástica – Origem rural

Alvo-temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

I. (...) **sobrevivendo de trabalhos braçais** com muita dificuldade, ele vaqueiro e ela dona de casa, com oito filhos para criar, pouco podiam oferecer (...).

II. **Filha de pais trabalhadores rurais**, mas sonhadores que os filhos estudassem.

III. **Filho de lavrador** e por sinal muito fiel na luta com a terra para sustentar a família.

IV. **Meus pais eram lavradores** (...)

V. **Minha família é de** origem maranhense: **lavradores** que foram atraídos como tantos outros pela posse de terra (...)

4ª Família Parafrástica – Desafio / Determinação

Alvo temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

I. **Ao lembrar toda a minha trajetória estudantil**, me pergunto; faria tudo de novo? Sempre digo que não, mas sei que é só da boca pra fora, (...) olhar para trás **me faz valorizar tudo o que tenho conquistado** (...)

II. Minha mãe me dizia que era para eu parar. Imaginava eu que ela não queria ficar longe de mim. Mesmo assim **aceitei o desafio.**

III. No dia que não tinha dinheiro para comprar marmitta, tinha que levantar de madrugada, fazer comida para levar (...), mas isto **não foi obstáculo** para desestimular-me de continuar o curso.

IV (...) e mais uma vez **tive que sacrificar** algo para ter que estudar, nesse caso foram as férias (...)

V. (...) surgiu à oportunidade do PARFOR, onde **não pensei duas vezes**, entrei e **apesar de tantas dificuldades** estou prestes a concluir.

VI. (...) foi um período que **pensei em desistir de tudo, mas recebi muito apoio** (...)

5ª Família Parafrástica – Atuação sem formação na área

Alvo Temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

I. Por ter grande habilidade com crianças e ser catequista, minha patroa, amiga da diretora da escola local, **me indicou para substituir uma professora primária** (...)

II. (...) comecei a **lecionar** como professor de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série **sem formação**, por ser uma escola rural havia uma grande necessidade de alguém ministrar essa disciplina.

Na época **ainda se admitia o professor dar aulas tendo apenas o curso de Magistério.** (...) Com o passar dos anos foi surgindo à **necessidade de ter uma formação melhor** para atuar na sala de aula.

IV. (...) **começaram surgir os professores formados em áreas específicas**, (...) Por isto, os professores formados na área de Pedagogia começaram lecionar outras disciplinas afins (...).

V. Lembro-me que minha primeira experiência em sala de aula foi quando me chamaram para **substituir uma professora** da EJA, tinha dezesseis anos.

6ª Família Parafrástica – Dificuldade de acesso à Universidade

Alvo temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

I. Para concluir o magistério e o curso Normal Superior **enfrentava todos os dias, (...) 25 km. de estrada de terra na carroceria de caminhonetes velhas, (...)** com muita poeira, sol e chuva.

II. Prestei vestibular para o curso de Letras (...). Passei, mas devido **dificuldade para pagar as mensalidades** acabei desistindo. Mais tarde prestei novamente vestibular (...), mas novamente desisti.

III. **As dificuldades eram grandes**, porque **não tinha condições financeiras** de cursar uma Faculdade, pois além do salário não ser suficiente tinha que custear com algumas despesas de casa e ajudar meus irmãos menores na Escola com os estudos (...).

Comecei em 2004 o curso de Pedagogia (...) e não pude concluir, pois o **trajeto (...) era muito dispendioso** e **minhas condições financeiras não dava para pagar a mensalidade**.

7ª Família Parafrástica – A formação está fazendo diferença na prática docente

Alvo temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

I. Apesar do medo e apreensão que estava sentindo, quando se iniciou o curso é que realmente **comecei a compreender a diferença que bons professores podem fazer na vida de um estudante (...)**

II. **A experiência de cursar Letras me fez pensar diferente** em relação aos conhecimentos científicos e outras vivências como iniciante pesquisador.

III. **Todas as disciplinas** que estudei foram fundamentais para os meus conhecimentos, todas **contribuíram para enriquecer e fortalecer minha prática pedagógica** e influenciaram mais na minha segurança em sala de aula.

IV. (...) muitos alunos perceberam minha paixão pela Língua Portuguesa e Literatura e **um aprimoramento do que antes ministrava na sala de aula após minha entrada neste Curso de Letras**.

8ª Família Parafrástica – A formação atual vista como oportunidade única

Alvo – temático: *Ethos* emergente dos sujeitos participantes do estudo

(...) fui agraciada com uma vaga no curso de Letras pelo PARFOR (...). Uma **oportunidade ímpar**, porque acredito que entrar em uma Universidade Federal é um sonho de todo cidadão.

Para mim, entrar em uma Universidade Federal foi **uma oportunidade sem igual**.

III. (...) **realizei o sonho** de estudar no Curso de Letras ainda mais pela Universidade Federal do Tocantins.

Em 2010, fiz minha inscrição no PARFOR no qual fui selecionada na primeira chamada e agarrei com forças essa **oportunidade que Deus me deu** mais uma vez.

Análise das famílias parafrásticas

Neste tópico, serão apresentadas as análises discursivas das oito famílias parafrásticas que emergiram durante o processo de construção de corpus da pesquisa ora empreendida. Na primeira

unidade de famílias parafrásticas, “de origem muito humilde”, foram agrupadas seis paráfrases; segunda família, “As oportunidades em instituições educacionais eram mínimas”, três paráfrases; terceira família, “Meus pais eram lavradores”, cinco paráfrases; quarta família, “pensei em desistir de tudo, mas recebi muito apoio”, seis paráfrases; quinta família, “ainda se admitia o professor dar aulas tendo apenas o curso Magistério”, cinco paráfrases; sexta família, “minhas condições financeiras não dava para pagar a mensalidade”, quatro paráfrases; sétima família, “Todas as disciplinas contribuíram para enriquecer e fortalecer minha prática pedagógica”, quatro paráfrases e por último, temos a oitava família, “uma oportunidade ímpar”, também com quatro paráfrases.

Recorre-se aqui, para o início do processo de análise do *corpus*, ao dispositivo analítico sugerido por Orlandi (2007), no qual as etapas de análise estão dispostas da seguinte forma: passagem da *superfície linguística* (texto) para o *objeto discursivo* (formação discursiva) e deste para o *processo discursivo* (formação ideológica). Numa primeira etapa, no contato com o *corpus* (Superfície Linguística), incidindo um primeiro lance de análise de natureza linguístico-enunciativa, foram selecionados os fragmentos elencados acima.

A razão de ter sido encontrado esse grande número de famílias parafrásticas é explicado pela ADF. Orlandi (2007) diz que no processo discursivo vão se formando *famílias parafrásticas* que significam, pois dizer não é apenas do domínio do locutor, tem a ver com as condições em que o discurso se produz e com outros dizeres produzidos antes e/ou futuros. Assim, de acordo com a autora, outros enunciados que se produzem nas mesmas condições histórico-ideológicas também fazem parte desse discurso.

Desse modo, os discursos que constituem este *corpus* emergiram em condições histórico-ideológicas bastante semelhantes, o que nos permite analisá-los numa mesma perspectiva de formação discursiva. Ou seja, por terem sido produzidos num mesmo contexto, por sujeitos pertencentes a formações discursivas semelhantes, os discursos mostraram-se parafrásticos, repetitivos, fato que os legitimam como discurso de um determinado grupo social, permitindo, assim, a emergência de um *ethos* individual representativo do grupo, pois cada sujeito reproduziu seu discurso dentro de uma mesma coerência coletiva.

O exercício analítico permitiu observar o funcionamento dos processos parafrásticos, ou seja, os enunciados caracterizadores do sujeito empírico *licenciando de letras – modalidade Parfor* – foram produzidos de diferentes formas, por diferentes sujeitos, porém mantendo um frequente retorno aos mesmos dizeres. Como postula Orlandi (2007), são dizeres sedimentados, mas que mantêm o mesmo sentido. Pode-se, assim, dizer com Orlandi que o discurso hegemônico é aquele que é construído de forma parafrástica, que o torna possível e legítimo.

Assim, com a análise das famílias parafrásticas elencadas neste texto, buscou-se caracterizar as imagens mostradas em cada conjunto de enunciados temáticos, tentando, com isso, ir aos poucos construindo as autorrepresentações que os sujeitos fizeram no momento em que produziram seus discursos. Ao selecionar as famílias parafrásticas, procurou-se assinalar passagens comuns nas quais os sujeitos relatassem experiências de suas trajetórias profissionais e acadêmicas, a origem familiar e a importância que o atual processo de formação significou na vida de cada um.

Em linhas gerais, pôde-se observar que as famílias parafrásticas analisadas foram produzidas por diferentes sujeitos, mas que apresentam trajetórias de vida similares. Tais confluências contribuíram diretamente para que os discursos desses sujeitos pudessem ser analisados como pertencentes a uma mesma formação discursiva. Isso se tornou possível porque esses sujeitos tiveram suas histórias de vida entrelaçadas por condições sócio-históricas e ideológicas semelhantes, que de certa forma contribuiu para alinhar os discursos proferidos nos memoriais de formação.

Observou-se, por exemplo, que na primeira família parafrástica os sujeitos fizeram escolhas lexicais semelhantes para descreverem suas origens familiares.

Sou de família humilde, meus pais eram lavradores

Era impossível pensar que uma menina de família pobre pudesse chegar onde estou. Sendo, portanto, filha de família pobre não tive muitas oportunidades educacionais.

Esses enunciados mostram que esses sujeitos enunciadorez tiveram uma origem familiar

humilde, permeada por muitas dificuldades. Por isso, a imagem que se quer mostrar nessas paráfrases é a de alguém que teve uma infância sofrida e cheia de limitações, mas que não sente nenhum tipo de constrangimento ao falar desse período da vida, pois reflete uma memória passada e que sua trajetória atual pode até ser outra. Isso também confirma que embora as trajetórias atuais possam ser diferentes, os discursos sobre a origem são parafrásticos, com um frequente retorno aos mesmos dizeres, que os tornam hegemônicos e que, portanto, os legitimam.

Sobre a dificuldade de acesso à universidade e à determinação de alcançar esse objetivo, notou-se mais uma vez a fundição de vários discursos em uma mesma formação discursiva, caracterizadora dos sujeitos dos discursos analisados.

olhar para trás me faz valorizar tudo o que tenho conquistado

foi um período em que pensei em desistir de tudo, mas recebi muito apoio

surgiu a oportunidade do PARFOR, quando não pensei duas vezes, entrei e apesar de tantas dificuldades estou prestes a concluir

Após analisar tais fragmentos, é possível afirmar que os sujeitos se autorrepresentaram como profissionais que são comprometidos com o seu processo de formação e que são conscientes da importância que ela possui para o futuro de suas respectivas carreiras docentes. Observa-se assim que tais sujeitos constroem imagens de si e as revelam através de seu discurso, buscando o convencimento do interlocutor em relação ao valor de verdade que tal imagem pretende alcançar, ou seja, o estabelecimento de um *ethos de comprometimento* com o processo de formação e com a carreira que irá assumir.

Desse modo, quando se denomina os sujeitos pesquisados de “profissionais”, em substituição dos termos “professores-estudantes” ou “licenciandos em Letras”, empregados anteriormente, faz-se com o intuito de apresentar um dos lugares sociais de onde esses sujeitos empíricos tomam a palavra. Assim, em se tratando de acadêmicos que já exercem a profissão há algum tempo, como é o caso em epígrafe, essa reflexão ganha novos contornos significativos, uma vez que tal discurso é proferido de dois lugares sociais distintos: do lugar de professor e do lugar de estudante.

Por isso, em lugar de um discurso cheio de expectativas acerca do exercício da futura profissão, o que se tem é um discurso em que o locutor mostra que para ele a formação acadêmica é um desafio a ser vencido, dados os inúmeros fatores que dificultam o acesso e a permanência de pessoas que precisam conciliar a formação universitária em serviço, e em condições adversas às dos demais universitários. Outra questão levantada a partir do discurso do lugar de professor trata-se de um reconhecimento à contribuição que os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Letras - Língua Portuguesa - estão fazendo na prática pedagógica de cada um, como se pode observar nos fragmentos abaixo:

Comecei a compreender a diferença que bons professores podem fazer na vida de um estudante

Todas as disciplinas contribuíram para enriquecer e fortalecer minha prática pedagógica

A experiência de cursar Letras me fez pensar diferente em relação aos conhecimentos científicos

Percebe-se através desses testemunhos que a experiência universitária contribuiu de modo significativo para a atuação desses sujeitos como professores de língua portuguesa. A forma como isso foi dito deixa claro que a contribuição não se deu apenas nos campos teórico-metodológico, mas também no campo das ideias, permitindo inclusive a mudança de paradigmas acerca do conhecimento científico. Em outras palavras, os discursos parafrásticos desses sujeitos professores reforçam o argumento de que a Licenciatura em Letras permitiu que se tornassem mais autônomos no que diz respeito ao seu fazer pedagógico.

Por outro lado, quando tais sujeitos falam do lugar social de estudante, observa-se uma imensa

satisfação por estarem no papel social do universitário que conseguiu o acesso a uma universidade federal; conquista que, nas paráfrases da oitava família, é denominada de “oportunidade ímpar”, além de outros termos similares, dada a importância que o processo formativo representa para os sujeitos contemplados.

Nesse sentido, é importante que o analista procure identificar o contexto em que os discursos analisados foram produzidos. Maingueneau (2011, p. 20) diz que “fora de contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado”. Corroborando, Mussalim (2012, p. 118), dialogando com Pêcheux (1975), afirma que “as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações”, ou seja, não é possível analisar um discurso divorciado das circunstâncias que envolveram sua produção. Por fim, Orlandi (2007, p. 30) sustenta que os sentidos de um discurso não estão apenas nas palavras ou nos textos; eles estão nas relações com a exterioridade, nas condições em que são produzidos e que, por isso, não dependem somente das intenções dos sujeitos que os escrevem ou pronunciam.

Desse modo, os discursos analisados se inscrevem num contexto de formação universitária de professores provenientes de situações sócio-históricas semelhantes, e que se reuniram em torno de um projeto do governo federal de formação de docentes que atuam sem formação específica, conforme descrito anteriormente. Tais discursos foram proferidos por diferentes sujeitos, mas numa situação similar de conclusão de curso de formação docente, na qual tiveram que produzir um Memorial como requisito da disciplina de Estágio IV, cujo objetivo era que os licenciandos falassem sobre a trajetória profissional e de formação. Uma vez que as condições de produção exercem coerção sobre os discursos, estes tenderam a alinhar-se ao que fora solicitado, e considerando que as trajetórias dos sujeitos pesquisados não são tão distintas, nem as formações discursivas um espaço fechado, os discursos mantiveram um conteúdo parafrástico, constitutivo do *ethos* de tais sujeitos.

Conclusão

Esse artigo elegeu como principal objetivo buscar o *ethos* discursivo dos sujeitos (estudantes do curso de Letras - Língua Portuguesa - PARFOR), materializado em seus discursos inscritos nos memoriais de formação. Para tanto, foram observados: (i) os processos discursivos utilizados, (ii) a posição enunciativa dos sujeitos enunciadores; e (iii) os itens lexicais através de seu aspecto valorativo, através da mobilização de conceitos da ADF, marco teórico deste estudo. Buscou-se, além disso, responder às seguintes questões problematizadoras: Que tipo de *ethos* emerge a partir da análise dos discursos observados? Quais processos de linguagem são mais recorrentes nas produções discursivas dos sujeitos enunciadores? Quais representações ideológicas são veiculadas nesses discursos?

Assim, partiu-se para uma análise inicial do *corpus* apresentado, do qual foram selecionadas as temáticas e passagens mais recorrentes, formando oito famílias parafrásticas. Sendo elas, (I) “de origem muito humilde”, (II) “as oportunidades em instituições educacionais eram mínimas”, (III) “Meus pais eram lavradores”, (IV) “pensei em desistir de tudo, mas recebi muito apoio”, (V) “ainda se admitia o professor dar aulas tendo apenas o curso Magistério”, (VI) “minhas condições financeiras não davam para pagar a mensalidade”, (VII) “Todas as disciplinas (...) contribuíram para enriquecer e fortalecer minha prática pedagógica” e (VII) “uma oportunidade ímpar”.

Desse modo, o que se pode concluir a partir dessas imagens é que se trata de um sujeito marcado por um processo histórico-social, no qual pessoas de origem familiar rural e de baixo provimento econômico enfrentam dificuldades de acesso ao ensino superior e, conseqüentemente, ao mundo do trabalho. No entanto, ao contrário de muitos, teve coragem e determinação para superar os obstáculos e ingressar na carreira docente e, por intermédio desta, está prestes a obter um título superior de Licenciado em Letras.

Por último, há que ressaltar a importância do aparato conceitual e metodológico da ADF que permitiu chegar-se aos resultados apresentados. Pôde-se assim perceber que os sujeitos enunciam seus discursos de dois lugares sociais diferentes: do lugar social de professor e do lugar social de estudante. No primeiro caso, tem-se um discurso em que o locutor mostra que para ele a formação acadêmica é um desafio a ser vencido, dados os inúmeros fatores que dificultam o acesso e a permanência de pessoas que precisam conciliar a formação universitária em serviço, mas ressalta o

reconhecimento à contribuição que os conhecimentos adquiridos ao longo do curso estão fazendo na prática pedagógica de cada um. No segundo caso, observou-se que esses sujeitos demonstram uma imensa satisfação por estarem no papel social do universitário que conseguiu o acesso a uma universidade federal, dada a importância que o processo formativo representa para eles.

Em última análise, podemos assim sustentar, com base nos processos discursivos evidenciados, que o *ethos* que emerge a partir do exercício analítico se configura como um *ethos de determinação e superação*. Isso pode ser observado através das trajetórias materializadas na superfície discursiva: *da origem humilde e rural, da dificuldade de acesso à universidade, da resiliência e superação, ao objetivo alcançado*.

Longe de buscar esgotar o tema apresentado, buscou-se, nesta pesquisa, evidenciar o funcionamento dos processos discursivos materializados nos Memoriais de Formação analisados. Acredita-se que a pesquisa venha, de alguma maneira, contribuir para a comunidade acadêmica letrada em geral e, particularmente, para os estudos do discurso. Espera-se que este estudo possa, posteriormente, ser desenvolvido e também que venha a direcionar novas investigações.

Referências

- AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto: 2005.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. 1ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORAES, C.F. **Narrativas da formação acadêmica de professoras: sinais de reflexão sobre a prática**. Caxias do Sul, 2010.
- MUSSALIN, F. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A.C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2012.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.
- PASSEGGI, M.C. **Memorial de formação**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

Recebido em 31 de janeiro de 2019.

Aceito em 10 de junho de 2019.